

O MARXISMO DE SAMORA NA EDUCAÇÃO: UM SONHO DESENVOLVIMENTISTA DE CONCEBER POLÍTICAS SOCIAIS INTERROMPIDO?

THE MARXISM OF SAMORA IN EDUCATION: A DEVELOPMENTAL DREAM OF CONCEIVING SOCIAL POLICIES INTERRUPTED

Alberto Bive DOMINGOS¹

RESUMO: O artigo elucida dimensões estruturais e conjunturais históricas, econômicas e culturais favoráveis ao desenvolvimento das concepções marxianas em Moçambique e da liderança de Samora Machel. Apresenta concepções de educação, instrumentos de libertação, esgrimindo sobre a organização do sistema educativo, a avaliação, o currículo no contexto escolar e a formação profissional. Também, foca perspectivas de multiculturalismo, as questões de gênero e da pedagogia feminista, bem como a narrativa étnica e racial. No entanto, o artigo é uma pesquisa de índole qualitativa baseada na revisão bibliográfica, onde foi feita igualmente a análise de conteúdo de audições em forma de conversas informais a combatentes, ex-colegas de luta de Samora, buscando relatar a vida e a obra do então político revolucionário. As discussões indicam que o período revolucionário e a governação centralista democrática legitimam Samora como dirigente mais próximo e ouvinte do povo, por ser intransigente a atropelos à coisa pública e a unidade nacional, defensor da justiça social de cada qual segundo as suas necessidades, a riqueza dividida por igual e os dirigentes interpretes da vontade do povo, contra o tribalismo, o regionalismo, o racismo e a corrupção.

PALAVRAS-CHAVE: marxismo de Samora, educação, políticas sociais.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, cujo objectivo é apresentar uma resenha histórica da origem da revolução em Moçambique, faz uma abordagem da vida e obra do primeiro presidente de Moçambique independente, Samora Moisés Machel, e insere as suas concepções no desenvolvimento do país, tendo em conta a cultura, a política, a economia e a educação.

Durante sua governança, Machel procurou promover a liberdade e o desenvolvimento, a integração social do povo moçambicano com vista a alcançar objetivos humanitários de desenvolvimento. Na área política, empreendeu esforços, para o prosseguimento da criação e manutenção da unidade nacional, a criação e desenvolvimento de boas relações com países vizinhos, unidos numa frente comum de integração regional e de eliminação da segregação social e racial (o regime do *Apartheid* na África do Sul).

Na área da educação a essência da sua política foi a formação do **HOMEM NOVO**, livre de preconceitos retrógrados, da exploração do **HOMEM PELO HOMEM**, livre, ainda, do obscurantismo e do complexo de inferioridade diante de outras raças.

¹ Docente da Universidade Pedagógica de Moçambique, Delegação de Quelimane (UPM), Quelimane, Zambézia, Moçambique. E-mail: bivedomingos@yahoo.com.br

Por isso mesmo, na atualidade, poucos terão sido dentre os jovens da geração da viragem² os que conhecem, com alguma exaustividade, quem foram, na verdade, os heróis da Libertação Nacional de Moçambique. Quer dizer, além de Eduardo Chivambo Mondlane³ considerado arquiteto da unidade nacional, causa a que se juntaram muitos heróis, como, por exemplo, o presidente Samora Machel, a quem dedicamos a presente reflexão, procurando expor com algum detalhe o seu perfil social, político filosófico e pedagógico, sem prescindir da influência marxiana vulgarizada, quer para Moçambique, quer para o mundo e a humanidade em geral.

Para tanto, além da falta de cultura de leitura, o não conhecimento desta figura histórica moçambicana associa-se à insuficiência de fontes escritas sobre a vida de Samora Moisés Machel, objeto do nosso debate político social.

VIDA BIOGRÁFICA DE SAMORA MACHEL

Samora Moisés Machel nasceu na aldeia de Madragua, atual Chilembene, na província de Gaza, aos 29 de setembro de 1933. Filho de um agricultor, mais conhecido por Mandande Moisés Machel, e neto de um dos guerreiros de Ngungunhana.

Samora foi educado em escolas indígenas geridas pela Igreja Católica. Concluiu a 4ª classe com 18 anos. Tinha o desejo de continuar a estudar, mas os padres só lhe permitiram estudar teologia. Frustrado decidiu, então, abandonar a província de Gaza e emigrar para Lourenço Marques, onde teve a sorte de encontrar trabalho no hospital Miguel Bombarda, atual hospital de Maputo.

Com esse propósito, termina o curso de enfermagem em 1956, tendo sido colocado na ilha de Inhaca, onde, posteriormente, veio a conhecer a dona Sorita Tchaicomo, mãe dos seus primeiros quatro filhos (Josceline, Edelson, Olívia e Ntewane). “Em 1961, Samora encontrou-se pela primeira vez com Eduardo Mondlane de visita a Moçambique, aonde depois de ter interagido durante alguns dias, juntou-se à FRELIMO no ano 1963” (VELOSO, 2007, p. 32).

Samora Machel foi líder revolucionário e presidente de Moçambique durante 11 anos. Os seus ideais fundamentavam-se na libertação de Moçambique. Dirigiu a luta armada, que teve início a 25 de setembro de 1964, a qual durou dez anos até a assinatura dos acordos de Lusaka. Proclamou a independência nacional aos 25 de

² Geração da viragem é um termo que designa a atual geração de jovens moçambicanos, encarregues de aliar a ciência à produção da riqueza. Isso se popularizou a partir dos discursos do então Chefe de Estado da República de Moçambique Armando Emílio Guebuza 2005-2014.

³ Eduardo Chivambo Mondlane (1920-1969) é fundador da FRELIMO. Lutou pelos fins dos laços coloniais entre Moçambique e Portugal, é considerado personagem central da história e da edificação de Moçambique. Foi funcionário da ONU de 1957 a 1961, professor em Nova Iorque, lutou pela unificação de Moçambique e igualdade dos povos num Projeto de Moçambique e Educação Nova e republicana.

Junho de 1975 (NGOENHA, 2009). Samora, como presidente, contribuiu com a criação de alguns movimentos, organizações e associações com a finalidade de resolver os problemas que assolavam Moçambique e a África, sobretudo a região da África Austral. São os casos da criação da Organização da Unidade Africana (OUA)⁴, Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC)⁵, como também, contribuiu para a integração de Moçambique em outras organizações mundiais com os mesmos objetivos, tais como, a Organização das Nações Unidas (ONU), e mais tarde, sob influências externas, o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) em julho de 1996, esta última organização visando ao estreitamento da cooperação entre os países membros e outras. Por exemplo, a SADC tem como objetivos: promover o desenvolvimento sustentável, aliviar a pobreza, elevar a qualidade de vida dos povos da região, promover a paz e a segurança, desenvolver valores políticos comuns, usar racionalmente os recursos naturais e proteger o meio ambiente (CONSADC, 2005). E esses coadunavam com os interesses que Samora Machel tinha em relação a Moçambique.

Por essas e outras medidas de defesa dos interesses públicos na administração, para Samora a técnica não deveria ser sobreposta com qualquer ideologia que não visasse o bem comum, porém, os dirigentes deveriam ser interpretes da vontade do povo, isto é, sem privilégios em relação aos governados. Razão a qual Samora Moisés Machel tornou-se um político e presidente muito amado e memorável para quase todos moçambicanos. Não conseguiu, no entanto, ver realizados os seus propósitos, uma vez que, em 19 de outubro de 1986, quando regressava de uma reunião internacional em Lusaka em busca da paz para Moçambique, segundo Santos (2006), o *boeing Tupolev tu 132* em que se fazia transportar, cedido pela então União Soviética, despenhou-se em *Mbuzini*, nos montes Libombos em território sul-africano. Tratou-se de uma tragédia nacional, cujo acidente foi atribuído a erros do piloto russo, o qual se havia enganado e impelido por um *rádio-farol* cuja origem se desconhece.

⁴ A OUA foi criada por vários intelectuais africanos que se encontravam a estudar nas metrópoles dos colonizadores, excepto Eduardo Mondlane, que se encontrava a trabalhar para as Nações Unidas e foi professor universitário nos Estados Unidos e tornou-se líder revolucionário moçambicano, fundador do movimento que liderou a luta armada a FRELIMO. Foi assim que muitos líderes envolveram-se com as independências dos seus países, nas décadas de 1940 e 1950 tais como, Leopoldo Senghor (político e escritor senegalês, nascido em Joal (perto de Dakar) em 1906. Foi um dos criadores do movimento da negritude e presidente do Senegal entre 1960 até 1981, tendo sido reeleito três vezes, Amed Sekou-Touré (Guiné), K. Nkrumah (Político do Ghana nascido em Nkroful, 1909 – Bucareste, 1972), líder do movimento de oposição nacionalista, primeiro-ministro em 1952 e, após a independência da Costa do Ouro, presidente da República, eleito em 1960. A. Cabral (Cabo Verde e Guiné Bissau), A. Neto (Angola), e entre outros (ZAU, 2005).

⁵ A SADC – Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral resulta da SADCC – Conferência para a Coordenação do Desenvolvimento da África Austral. É uma organização regional criada em Lusaka em 1980, durante uma reunião de Chefes de Estado e de Governo, cujo objetivo inicial era constituir um bloco ideológico comum de não agressão entre Estados, e obviamente, da África Austral, contra o regime do Apartheid que se vivia na África do Sul. Atualmente, com a mudança do nome para SADC fazem parte vários países: Angola, República Democrática do Congo, Botswana, Lesoto, Madagáscar, Malawi, Maurícias, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Zâmbia, Zimbabwe incluindo a África do Sul. Para mais dados ver, Visentini (2010); M'bokolo (2007).

Embora o debate floresça, para Milhazes (2010) a queda do avião não tem nada a ver com atentado ou falha mecânica, mas associa-se a diversos erros da tripulação. Supõe-se que os membros da tripulação estavam entretidos com futilidades, como, por exemplo, a partilha de bebidas alcoólicas e outras coisas, que eles traziam a bordo da Zâmbia. Até aos dias de hoje, o acidente irreparável constitui mistério que levanta um desafio às autoridades no esclarecimento do caso, uma vez que há vozes que discordam da tese de um simples acidente.

A esse respeito, Veloso (2007) vê a morte do presidente como uma conspiração entre os serviços secretos sul-africanos e soviéticos pela reaproximação aos EUA potência capitalista avesso ao socialismo que vivia o país.

Portanto, na perspectiva criminal, isto impõe desafios às autoridades policiais que têm a missão e a responsabilidade de investigar, esclarecer e denunciar ao Ministério Público para punir com o Judiciário os implicados, caso se confirme a tese de atentado.

CONCEPÇÕES SAMORIANAS

Como já nos referimos, Samora enquanto aluno tornou-se consciente dos importantes acontecimentos sociopolíticos, económicos e culturais que se faziam sentir no mundo, como por exemplo, a formação da República Popular da China em 1949, a independência do Ghana em 1957 e de vários outros países africanos e, muito em particular, o contacto com Eduardo Chivambo Mondlane, que o incentivou a aderir à causa nacionalista e revolucionária promovida e fomentada pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), movimento político fundado em 1962. Recorde-se que Samora já havia sofrido um atentado pelos colonos e sobretudo a inviabilização dos seus estudos pelos missionários, o que o preocupava como cidadão livre e dono da sua pátria.

Ian (2000) explica que, em 1963, quando Samora decidiu partir para a Tanzânia, onde iria se juntar a outros militantes da FRELIMO, passou por Botswana onde se encontrou com Joe Slovo⁶ e alguns membros e políticos do ANC (partido sul africano de Nelson Mandela).

Segundo opiniões diversas, de pessoas por nós entrevistadas, Samora inspirou-se no movimento PAN-AFRICANISTA, como a organização de cidadãos escravizados, que se manifestavam, de forma clandestina, contra o regime colonial. Samora desenvolveu uma elevada *autoestima* principalmente depois de ter sido treinado pela FRELIMO em Argélia, apoiado pelo regime da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

⁶ Joe Slovo foi um dos membros fundadores do lendário Movimento político Sul Africano ANC (Congresso Nacional Africano) e mais tarde veio a ser eleito presidente do partido comunista sul-africano (IAN, 2000).

Samora, na sua governação, após a morte do primeiro presidente da FRELIMO, Eduardo Mondlane, em 1969, aderiu ao regime e à filosofia socialista comunista. Na África subsaariana, Samora sempre seguiu uma postura e uma cultura íntegra de paz, uma política de organizar amizades e apoios para Moçambique quer fosse nos países da SADC (SANTOS, 2006), quer fosse em outros dos demais continentes. Um exemplo disso são as relações diplomáticas estabelecidas com Ronald Reagan e Pieter Botha (presidentes dos EUA e da África do Sul, respectivamente).

Como presidente de Moçambique, na geopolítica regional, Samora assumiu um acordo de boa vizinhança com a África do Sul, período em que ainda reinava o *Apartheid* naquele país. Igualmente, veio assinar os Acordos de Inkomate em 1984, cujo objetivo era do governo sul africano deixar de apoiar o antigo movimento rebelde moçambicano, a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), envolvido na guerra dos 16 anos, hoje considerado protagonista do subdesenvolvimento económico e moral de Moçambique.

Muiane (2006, p. 324-329), combatente da revolução e colega de luta de libertação, descreve que Samora tinha uma visão conjuntural da região austral que baseado nos seus relatos afirma:

A vitória do nosso povo resulta dos sacrifícios consentidos pelo imenso movimento dos povos irmãos da Tanzânia, Zâmbia, toda a África e sacrifícios das forças democráticas progressistas no mundo. A nossa vitória resulta especialmente do grande apoio dos nossos aliados naturais: os países socialistas.

No território moçambicano, embora com viés leninista, o que mais tarde deu origem e favoreceu a inúmeros mal-entendidos, incompreensões e críticas injustas às suas concepções de governação um pouco fora dos propósitos marxistas de Karl Marx⁷, Samora implantou a justiça, a paz contra o colonialismo e a estabilidade e responsabilidade pela coisa pública entre os moçambicanos (TEMBE, 2000). Aliás, o uso do dinheiro público precisava da autorização concedida por lei e pelas necessidades populares. Com isso, levamos a afirmar que tratou-se de um político realmente progressista. No sentido de, nos termos de Gramsci (2012), Samora fez toda a sociedade avançar, satisfazendo não apenas suas exigências existenciais, mas também ampliando continuamente os próprios quadros para manter a continua apropriação de novas esferas de atividade económico-productiva. Isto é, para além da expansão acelerada de direitos sociais, tais como: terra, educação, moradia, transportes públicos, alimentação entre outros. Devido a essas conquistas, atualmente a sua personalidade é tratada como um homem de senso, de coragem e

⁷ Ressalta-se aqui que muitas repúblicas que se diziam marxistas, na verdade, não seguiam à risca os propósitos do socialismo científico que Karl Marx propusera no Manifesto Comunista, escrito em parceria com Friedrich Engels, isto é, o materialismo dialético.

cultura africana, líder de difícil comparação, de ideal para resgatar o sentido público na gestão pública moderna ferramentas necessárias para estancar a corrupção. Ainda Samora pode ser considerado como um erudito que se pôs a serviço do comunismo para servir o povo moçambicano.

O SENTIDO PÚBLICO DA EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO DE SAMORA

A educação transparecia em Samora como a unidade de esforços e instrumento da unidade nacional. Em razão disso a palavra de ordem era a FORMAÇÃO DO HOMEM NOVO, homem capaz de estudar, produzir e combater para vários desafios que se colocaram no país, um homem livre do obscurantismo, da superstição e da mentalidade burguesa e colonial, um homem que assume valores da sociedade socialista como, a unidade nacional, o amor à pátria e etc. (MOÇAMBIQUE, 1983)⁸.

O projeto público da nação moçambicana estava na necessidade de implantar um novo modelo educacional não discriminatório e universal. Assim, a nova escola deveria permitir a apropriação de uma nova maneira de pensar e de agir, própria de produção e de consumo autônomos, isto é, que vinculasse um componente para a promoção de um desenvolvimento caracterizado pela melhoria das condições de vida do povo e capaz de conferir um papel integrante na sociedade e na economia.

Portanto, a epistemologia de Samora sobre a educação foi um instrumento emancipador e orientador do ser humano. Aliás, ele dizia que a educação conduzia à FORMAÇÃO DO HOMEM NOVO, um homem que para além de ser capaz de resolver os problemas sociais imediatos colocados pela luta revolucionária, deveria estar apto a trabalhar para transformar revolucionariamente a sociedade moçambicana (MACHEL, 1970). Daí que de início a política educativa de Samora estava plasmada no Plano Estratégico da FRELIMO das Zonas Libertadas, que entre outras coisas defendia a passagem de experiências revolucionárias à nova geração moçambicana. Por isso mesmo, as zonas libertadas se tornavam num embrião de mobilização de um ideal pedagógico, de uma nova sociedade, na medida em que nelas se moldaria a construção de uma sociedade *sem exploração* e de um poder popular permanentemente articulado com a base social.

As nossas zonas, tornam-se efectivamente zonas libertadas quando o nosso povo tomar consciência plena sobre a unidade nacional. É unindo-nos no trabalho é que nos unimos realmente. Por isso, professores e alunos devem trabalhar lado a lado, em todas as tarefas porque na revolução não há grandes ou pequenas tarefas, há apenas tarefas revolucionárias (MACHEL, 1970, p. 6-7).

⁸ Disponível em <<http://felixeducao.blogspot.com.br/2013/09/sistema-nacional-de-educacao-em.html>> Acessado em: 14 mar. 2016.

Desse modo, a educação no pensamento pedagógico de Samora não era apenas tarefa dos professores e nem se destinava apenas às crianças, mas todos deveriam se envolver nela, inclusive o próprio exército e a escola fazia-se respondendo às necessidades das massas, fornecendo o conhecimento que se adquire através da descoberta da natureza da sociedade, bem como, das leis que as regem. Assim dizia Samora: “os estudantes devem possuir uma compreensão de novas ideias e uma assimilação crítica das ideias dos outros, para utilizarem por seu turno o fruto da sua reflexão e da sua experiência” (MACHEL, 1970, p. 6-7).

Exatamente, o pensamento de Samora sobre a educação resume-se no seu célebre adágio político pedagógico: “façamos da escola a base para o povo tomar o poder” (MAZULA, 1995, p. 117), onde cingia o acesso igual à educação, sem discriminação racial, de gênero e nem classe social, portanto uma educação inclusiva. Aliás, Samora era defensor da oferta de um sistema único e universal dos bens públicos. Quer dizer, era pela promoção de políticas de proteção social, direitos dos trabalhadores camponeses e operários. Para ele, os bens sociais, sobretudo a educação e a saúde, passariam (como de fato viessem a passar) a constar das necessidades das populações e, por conseguinte, considerados como direito universal pela cedência obrigatória do Estado moçambicano na forma de serviço público, cuja gratuidade e qualidade eram garantidas antecipadamente. Nessa condição, esses serviços públicos deveriam ser estatais ou filantrópicos e, ainda, regulados para garantir padrões de alta qualidade.

Com o vazio na administração pública moçambicana por ausência de quadros qualificados, sobretudo na área escolar, verificado após a independência com a falta de profissionais, Samora teve que responder eficazmente e de forma heroica a esse problema: em 1985 convocou muitos estudantes que frequentavam o ensino secundário a deixarem os seus estudos para abraçarem várias áreas profissionais. Ainda mais, teve que enviar outros estudantes para fora do país com o objetivo de se formarem e voltarem em curto espaço de tempo para responderem aos problemas de formação de funcionários públicos moçambicanos. Desses alunos, alguns foram para Cuba, outros para o leste Europeu, onde se formaram em diversas áreas.

Entretanto, trata-se de um projeto que visou uma educação transformadora. A esse respeito, parafraseando Bottomore (2012, p. 179), a educação transformadora se inscreve numa, “i. Educação pública. ii. Educação ligada à materialidade. iii. Educação harmoniosa. iv. Educação ligada ao contexto social”. Portanto, sem deixar de lado a educação que conjuga as demandas globais, no que respeita as convenções internacionais socialistas, assegurando as suas diretrizes como instrumentos de uma educação emancipadora (que prima pela liberdade de divergir, respeitar interesses dos trabalhadores e intelectuais). Isto é, numa dimensão política deliberativa: local, nacional e sócio-cultural dos moçambicanos.

Assim a garantia pelo Estado de determinados bens e serviços essenciais, como a assistência médica, a educação, a habitação, o seguro social, o salário mínimo, constituir-se-iam nos mecanismos capazes de redistribuir riquezas e prover a justiça social.

O modelo educacional de Samora era primeiramente destinado às crianças e aos adolescentes que viviam nas zonas libertadas e abrangia quatro níveis: o *pré-primário*, ministrado em centros infantis; o *primário* de quatro séries, ministrado em escolas do interior do país e na Tanzânia, o *secundário*, também de quatro series ministrado na escola secundária de Bagamoyo e o *universitário* que não chegou a funcionar, o que levou os alunos que atingiam esse nível a serem enviados para o exterior. Na sequência, a alfabetização e educação de adultos foi dada aos guerrilheiros que por sua vez ensinavam às populações. De início, o sistema educativo funcionou nos designados centros da FRELIMO, nas escolas centros-piloto, centro de preparação político militar, centros de saúde e representações da FRELIMO nos países vizinhos (SANTOS, 2007).

É de salientar que, nos currículos de ensino e programação educativa, a produção agrícola e a educação física eram o cerne da política educativa, daí que as escolas deveriam desenvolver machambas escolares, de modo que o aluno soubesse algumas técnicas agrícolas, tais como preparar o solo, a rega, e conhecer regras e técnicas elementares de germinação, transplante e cuidados básicos. Desse modo, os trabalhos práticos, desenho, arte, cultura e política eram tidos como os mais importantes, portanto desenvolvia-se o ensino politécnico para as comunidades. Dito de outra maneira, promovia o trabalho criativo, que garantia a realização plena do ser humano como ser social.

A metodologia de ensino também era de ajuda mútua, solidariedade e cooperação entre professores e alunos, cuja gestão era coletiva e centralmente democrática, despida do burocratismo.

As estruturas de organização comunitárias que apoiavam as escolas eram os Grupos Dinamizadores (GDs), ou seja, organizações de base, que reuniam populações que também se identificavam com os ideais revolucionários, pois a FRELIMO na época, aglutinou todas as camadas sociais sem distinção de raça e de religião. Os GDs funcionavam como elementos de divulgação da linha ideológica da FRELIMO, de aprendizagem e do exercício do poder e da democracia populares, também, como instrumento de vigilância contra as manobras de sabotagem inimiga e de controle da economia (DOMINGOS, 2015). Em certos momentos, assumiam o papel de *órgãos judiciais* de pequenas causas quando os tribunais estavam desprovidos de quadros suficientes⁹. Os responsáveis eram eleitos em função de sua militância e comportamento e não na base de afinidades raciais, étnicas e religiosas. Portanto, tornaram-se espaços de formação da consciência política e elementos de consolidação da unidade nacional (MACHEL, 1983).

⁹ <<http://www.macua.org/livros/AFIRMACAODOPODERESOCIALIZACAO DAEDUCACAO.htm>>.

Os professores e instrutores educacionais tinham a dura missão e a responsabilidade de lutar contra o analfabetismo, a corrupção, o burocratismo. Tinham ainda que preparar os alunos para o novo horizonte, para serem continuadores, eles eram espécie de *fermentos na massa de trigo ou fertilizantes* que, quando misturados com a terra, fazem crescer as plantas e por isso deveriam ser exemplares ao transmitirem as suas experiências. Igualmente, deveriam elevar continuamente os seus conhecimentos teóricos e práticos para viver e transmitir as preocupações e objetivos políticos, militares, econômicos, sociais, administrativos e de reconstrução nacional do país com a saída colonial (MACHEL, 1981).

Na avaliação escolar, o professor tinha que ter em conta que a criança era *a flor que nunca murcha*, portanto que mereceria um cuidado pedagógico especial, isto é, deveria ser carinhosamente tratada e educada para o desabrochar das suas capacidades. Assim, a avaliação educacional deveria se cingir em dois sentidos: na linha político-filosófica, sobretudo no papel humanitário e social do saber fazer, e no conhecimento científico criativo. Recorde-se que *o projeto revolucionário era património nacional*, que se traduzia nos seguintes moldes: o “ídolo na escola é a nossa linha política, o forte é a nossa orientação que o Ministério da educação dá” (FRELIMO, 1976, p. 11), portanto tratou-se de uma espécie de *água e rio*, em que se pode servir e em que se pode manter. Isto é, água limpa é mais saúde e longevidade da população. Desse modo, o significado de avaliação compreendia o processo de julgamento de uma determinada atividade planificada e que dela visava à tomada de decisões técnicas bem fundamentadas, e que é sempre necessário, porque permite trazer inovação no processo ou na maneira de trabalhar (SOBRINHO, 2003).

Isso significa que a avaliação esteve no programa político pedagógico da escola, pois,

eram realizados seminários mensais que reuniam professores para a avaliação conjunta de aulas dadas no mês anterior e preparação para o ano seguinte. Esses seminários serviam como momento de reciclagem para superar deficiências científicas e pedagógico-didáticas e garantir a aplicação uniforme dos programas. Os professores e responsáveis da educação é que elaboravam os textos e os manuais, de acordo com o programa de ensino (SANTOS, 2006, p. 72).

Por isso, Samora, na II Conferência do Departamento de Educação e Cultura em 1973, sublinhou que “os quadros surgem no próprio processo de luta não sendo preciso esperar a formação de generais para travar a batalha”. Daí a sua palavra de ordem sempre foi “aprender a fazer fazendo” (SANTOS, 2006, p. 72).

O MULTICULTURALISMO E DA PEDAGOGIA FEMINISTA EM SAMORA*

Não é tão difícil buscar a concepção de multiculturalismo em Samora, isto porque basta pensarmos no modelo político de inspiração: o *comunismo ou socialismo*, um sistema de fraterna riqueza dessas dimensões, que buscava o direito à cidadania na igualdade de oportunidades e do poder popular, e que se fazia representar na unidade nacional que, em nosso entender, reflete as faces do multiculturalismo. Tendo em conta que as zonas libertadas e posteriormente às cidades, deixaram de ser espaços restritos a um grupo, a uma categoria social, a uma comunidade de linhagem ou aldeã, isto é, passaram a ser espaços nacionais abertos rumo às relações *trans-étnicas e intra-raciais*. Aliás, segundo Santos (2006, p. 30), Samora dizia:

precisamos no mais urgente construir a unidade nacional, pois unindo-nos no trabalho, unimo-nos realmente, negociava, fazia cooperações com demais países da África na formação dos seus quadros. Da mesma maneira não era contra os estrangeiros em seu território, desde que apoiassem a opinião política ideológica: a luta contra o racismo.

A concepção de gênero e educação feminista foi do interesse de Samora, desde a luta de descolonização e libertação do homem moçambicano. Samora trabalhou paralelamente com as mulheres, sendo notável igualmente pela criação do Destacamento Feminino (DF), para envolver as mulheres moçambicanas na luta de libertação. Para tanto, Tembe (2000) vê a visão multicultural de Samora em sua contribuição e empenho na concepção e criação da atual SADC, em 1980, considerando-o *herói pela unidade das nações*.

O multiculturalismo em Samora fundamentava-se na promoção da cultura moçambicana dentro e fora do país, pois sempre disse que Moçambique não era um Estado monocultural, mas sim multicultural, pois pelas seguintes razões se descreve:

Primeiro, a partir do norte a sul de Moçambique existem diferentes formas culturais que se devem transformar em uma única pela unidade na diversidade.

Segundo entendia que todo moçambicano transportava a cultura moçambicana para fora do país (nas reuniões, quando enviava homens no estrangeiro para estudarem). Também, incutia nos moçambicanos o espírito de camaradagem e a valorização do outro como pessoa com a sua personalidade, promovia a iniciativa e a criatividade na ação em respeito ao espírito de cidadania e nunca pôs em constrangimento os valores dos outros. Dizia ao povo que “o nosso inimigo não é o branco, nem o negro, mas todo aquele que faz mal, que destrói o bem do povo” (TEMBE, 2000, p. 30).

Portanto, a pedagogia feminista de Samora deve ser vista em três perspectivas:

- Antecedentes antes da luta armada, no colonialismo, quando havia divisão de trabalho, quando se valorizava o homem em detrimento da mulher, pois as suas

atividades circunscreviam-se em apenas atividades domésticas, uma vez que a mulher ela era vista como incapaz de estar em pé de igualdade com os homens.

- Na luta armada, Samora criou o Destacamento Feminino, em que as mulheres, lado a lado com os homens, juntaram-se à causa nacional.

- Já no período Pós-Independência, com a libertação do país, a mulher passou a ocupar um lugar preponderante na tomada de decisões.

Enfim, o socialismo como formação social é complexo e controverso o seu papel, por isso mesmo está subdividido em vários grupos e ainda, os mesmo estão em conflito entre eles. Porém, na história moçambicana, existiram os dois socialismos: o cartista e o utópico. Assim, os feitos de Samora foram tratados numa simbiose de dois princípios político-intelectuais. Aliás, só para lembrar que os Cartistas (1830-1840) incorporaram ideias socialistas de democracia, igualdade e coletivismo a um amplo e significativo movimento de massas de trabalhadores. Enquanto para Marx e Engels, o socialismo era a negação do capitalismo, baseado no materialismo dialético que desenvolveria o comunismo e mais tarde todo partido e pessoas que alinhavam essas ideias passaram a ser chamados de marxistas, comunistas ou socialistas (BOTTOMORE, 2012).

Assim, compreende-se que o socialismo era um estágio para o comunismo pela eliminação das classes e diferenças socioeconômicas, sobretudo entre grupos de indivíduos, ou seja, entre trabalhadores manuais e intelectuais, habitantes do campo e da cidade, produtores industriais e agrícolas, superação das atividades de homens e mulheres e eliminação de prestígios em função da raça e cor da pele. Quer dizer, só assim seriam considerados socialistas com a eliminação de antagonismos de classe ou conflitos sociais.

De salientar que o socialismo utópico foi a primeira historiografia do socialismo, que vigorou,

[...] entre guerras napoleônicas e as revoluções de 1848, era uma crença na possibilidade de transformação social total, pela eliminação do individualismo, da concorrência e competição e da influência da propriedade privada dentro do próprio Estado, isto é, sem o reconhecimento da necessidade da luta de classes e ainda do papel revolucionário do proletariado na realização dessa transição social (BOTTOMORE, 2012, 503).

Daí, o princípio básico dessa corrente é não estabelecer diferenças entre as ciências física e social.

Dessa maneira, pode se supor que o socialismo de Samora era mais avançado, porque impulsionava a revolução científica aliada à tecnologia no funcionamento da sociedade moçambicana. O seu progresso foi interrompido pela burocracia devido ao subdesenvolvimento das forças produtivas que não promoveram a produção social

pretendida. Assim, na atualidade, a burocracia veio a ser, ou presumia-se, derrubada pela revolução política burguesa que restaurou o capitalismo. Dessa maneira podemos afirmar ainda que o grande problema que não se adequaria ao momento atual era “o planejamento económico centralizado e a monopolização do poder político [...]” (BOTTOMORE, 2012, 501).

Com essas características, o marxismo samoriano não poderia ser considerado socialista no sentido original proposto pela teoria marxista clássica, mas defendeu um sistema educacional público com escolas em que os professores eram protagonistas, com autonomia, responsabilidade individual e coletiva do seu trabalho e tinha conquistado respeito pela qualidade e referência indiscutível.

Samora impulsionou a emergêncica e o desenvolvimento sustentável, era contra a propriedade privada dos meios de produção. Por fim, direcionou o crescimento por todo o território nacional, desde a reabilitação de hospitais públicos e escolas rurais, sobretudo pela criação de centros de emprego, que não permitissem uma intensa exploração ou alienação dos operários, com a implantação de fábricas têxteis (exemplo, a texmoque, a texmanta e a fábrica textil de Mocuba) como proposta de acabar com os desempregos nacionais pós-independência nacional. Aliás, na teoria de alienação de Samora, o trabalho visava a atender às necessidades básicas da natureza humana, pois, Marx compreendia que, em um sistema capitalista, “o trabalho perde seu valor em si para o sujeito e se torna uma atividade forçada que precisa ser praticada para atender as necessidades materiais” (TROMBLEY, 2014, p. 62). No entanto, outro compromisso consistia na eliminação da dependência internacional pela aposta na economia local, isto é, a micro-economia comandando a macro-economia. Isto é, era fomentado o combate à fome, a partir de cooperativas agrícolas e pela criação de regadios agrícolas, e ainda, nas instituições públicas era pela manutenção dos sindicatos de produtores que zelavam pela qualidade dos serviços oferecidos pelas organizações trabalhistas. Aliás, Samora dizia que é preciso buscar experiências de países desenvolvidos, por serem referências na inovação, tecnologia, conhecimento científico, desenvolvimento e outras realizações que inspirassem. Mas estava ciente de que a aplicação ou a utilização do seu material e várias experiências deveria considerar às especificidades locais.

Por último, em consideração às teses marxianas da religião, como “suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração e a alma de condições sem alma [...]” (MARX, 1843 apud TROMBLEY, 2014, p. 87), Samora adotou no seu marxismo um cristianismo racional baseado na razão nacional, quer dizer era contra o cristianismo ortodoxo utilizado pelo colonialismo para acelerar a humilhação moçambicana, pelo fato foi interpretado como de privação de liberdades, desde a política, de expressão artística e cultural por se tratar de uma fase de monopartidarismo.

Enfim, o marxismo de Samora tinha em vista a valorização do homem como ser livre, capaz de conduzir o seu próprio destino na fraternidade e solidariedade entre moçambicanos. Dizia, o desenvolvimento parte do indivíduo para o grupo e, ao mesmo tempo, o indivíduo precisa do grupo para concretizar as suas aspirações sociais. O seu pensamento filosófico-pedagógico de cultura do trabalho consistiu no reconhecimento da “*pontualidade como regra de disciplina, porque a sirene não marca a hora de chegada à fábrica mas sim a hora do começo do trabalho*”. As suas palavras de ordem foram a unidade nacional, o respeito pela coisa pública, a dignidade humana e a integridade patriótica. Idealizava e popularizava uma caricatura de uma personagem, *Xiconhoca*, que representava um paradigma de predicados de um indivíduo preguiçoso, individualista, bêbado, corrupto e explorador, antípodas do homem novo.

Contudo, dizer, FAZER DA ESCOLA A BASE PARA O POVO TOMAR O PODER equivale reconhecer que temos que ter homens instruídos e com a técnica podemos nos tornar autônomos nos nossos afazeres. Reporta igualmente a ideia de liberdade de ensino em relação à situação dominante no período colonial. Também, uma vitória sobre o ensino ministrado na casa dos próprios professores pelos jesuitas e dominicanos.

Do legado das aldeias comunais equiparava-se as grandes cidades, ou seja, acreditava que as cidades nasceram do aglomerado de pessoas. Essa organização foi produtiva para a gestão dos serviços sociais e infraestruturais (acesso aos serviços de educação, saúde, água potável), superando o tradicionalismo e a dispersão populacional reinantes nas sociedades africanas caracterizadas pelas residências à longa distância. Também no campo agrícola, Samora promoveu a segurança alimentar sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, do debate desenvolvido podemos concluir que o problema maior do projeto de Samora era contra os latifundiários que poderiam estar a usufruir-se do trabalho da maioria da população moçambicana, promovendo o trabalho infantil e até a escravatura. Tratou-se de um projeto de governação e de desenvolvimento que imprimia qualidade em todas as atividades sociais (educação e saúde), interrompido pelos acontecimentos que se seguiram, sobretudo pelo fim da União Soviética e a queda do muro de Berlim, para além do seu desaparecimento físico.

Sendo assim, a região Austral poderá se orgulhar pelos grandes ganhos, sobretudo pela conquista da independência na Namíbia, em 1990, e a queda do regime do *Apartheid* na África do Sul, em 1991, que colocou um ponto final à guerra que travou o desenvolvimento de Moçambique, em 1992, e Angola em 2002. Também, politicamente pelos sacrifícios que fez pela generalidade aos africanos da região austral

e dos zimbabueanos. Embora hoje haja uma preocupação dos Estados em relação ao movimento de fuga de cérebros ao exterior que deixam cada vez mais os Estados membros da SADC seriamente vulneráveis em setores essenciais como saúde e engenharia.

Assim, tendo a consciência das limitações do que expusemos, embora se reconheça o esforço dos estudiosos que buscam dialogar, aprofundar e esclarecer o pensamento de Marechal Samora Machel, estamos cientes de que isso não representa um quarto dos ideais e da dimensão de Samora. Por isso vemos como tarefa árdua e, ao mesmo tempo, profícua e instigante aos fazedores de políticas educativas, por razões óbvias: tanto pela magnitude de sua obra, quanto pela dimensão, atualidade e pelo aprofundamento das suas ideias na realidade moçambicana, o que atingi uma vasta amplitude de temas que extrapolam apenas um olhar educacional. Mesmo assim, seria preciso volumes de enciclopédias para esgotar todo o seu pensamento, isto é, não apenas pela luta contra o colonialismo, mas pela solidificação da moçambicanidade, ou seja, da unidade nacional que jorra a um orgulho samoriano¹⁰. Esperamos, também, que a comunidade acadêmica tenha a dura missão de continuar a defender e a promover Moçambique pelos seus ideais públicos. Assim, reconhecemos a ele como *um eterno, brilhante porta-voz e intérprete de conquistas e vontades do povo moçambicano* porque ele sempre defendeu a crítica e autocritica nas relações.

DOMINGOS, Alberto Bive. The Marxism of Samora in Education: a Developmental Dream of Conceiving Social Policies Interrupted. *ORG & DEMO* (Marília), v. 18, n. 2, p. 7-22, Jul./Dez., 2017.

Abstract: The article elucidates historical structural, economic and cultural dimensions favorable to the development of the Marxian conceptions in Mozambique and the leadership of Samora Machel. It presents conceptions of education, instruments of liberation, squeezing on the organization of the educational system, the evaluation, the curriculum in the school context and the professional formation. It also focuses on multiculturalism, gender issues and feminist pedagogy, as well as ethnic and racial narratives. However, the article is a qualitative research based on the bibliographical review, where it was also analyzed the content of auditions in the form of informal conversations to combatants, former combatants of Samora, seeking to report the life and work of the then revolutionary politician. The discussions indicate that the revolutionary period and centralist democratic governance legitimize Samora as the closest leader and listener of the people, because he is intransigent to abuse public property and national unity, defender of social justice of each according to his needs, wealth divided equally and the interpretive leaders of the will of the people, against tribalism, regionalism, racism and corruption.

Keywords: marxism of Samora, education, social politics.

REFERÊNCIAS

BOTTOMORE, T. Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

COMISSÃO NACIONAL DA SADC (CONSADC). Decreto Presidencial n. 1/2003, de 26 de março de 2003. Boletim da República, I série, n. 13, 2005.

¹⁰ Samoriano, termo da nossa autoria que pretende traduzir manifestações epistemológicas e gunoseonocicas da atitude e liderança do presidente Samora.

- DOMINGOS, A. A educação e as organizações democráticas em Moçambique experiências da revolução popular. *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, 10 mar. 2015. Disponível em <file:///Praxis%20Educativa/Artigo%20PB.pdf>. Acesso em: 15 set. 2015.
- FERREIRA, R. A. Sociologia da Educação: Uma análise de suas origens e Desenvolvimento a partir de um enfoque da Sociologia do conhecimento. *Revista Lusófona de Educação*. Lisboa, : 2006 p. 105-120.
- FRELIMO. Documentos da 8ª Secção do comité central. Maputo, 1976.
- IAN, C. Samora – Uma biografia. Maputo: Ndjira editorial, 1986.
- M'BOKOLO, E. África negra, história e civilização – Tempos e espaços africanos. Lisboa: Vulgata, 2007. v. 1
- MACHEL, S. M. O processo da revolução democrática popular em Moçambique. 1980/1990 – Década da vitória sobre o subdesenvolvimento. Maputo, 1980.
- MACHEL, S. M. Unidade condição da vitória. Partido FRELIMO. Texto e documentos. Maputo: INLD, 1981.
- MILHAZES, J. Samora Machel: atentado ou Acidente? Lisboa: Aletheia, 2010.
- MOÇAMBIQUE. Lei nº 4/83 de 23 de março de 1983. Aprova a Lei do Sistema Nacional de Educação e define os princípios fundamentais na sua aplicação. *Boletim da Republica, II SÉRIE*, n. 12, 1983.
- MUIUANE, A. P. Datas e documentos da história da FRELIMO. Maputo, 2006.
- NGOENHA, S. Machel. Ícone da 1ª República? Maputo: Ndjira, 2009.
- SADER, E. (org.). Gramsci - poder, política e partido. Sao Paulo: Expressão popular, 2012.
- SANTOS, A. A. Quase Memórias. Lisboa: Casa de letras Editorial, 2006.
- SOBRINHO, D. Avaliação: políticas educacionais e reformas da educação superior. São Paulo: Cortez, 2003.
- TEMBE, D. Samora: O destino da memória. Lisboa: Ndjira, 2000.
- TROMBLEY, S. Pensadores: que formaram o mundo moderno. São Paulo: Leya, 2014.
- VELOSO, J. Memórias em voo rosante. Lisboa: Papa-letas, 2007.
- VISENTINI, P. G. F.; PEREIRA, A. D. África do Sul. História, estado e sociedade. Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2010.
- ZAU, F. O professor do ensino primário e o desenvolvimento dos recursos humanos em angola (uma visão prospectiva). Tese (Doutorado em Educação). Lisboa, Universidade Aberta. 2005. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2468.pdf>. Acesso em: 07 set. 2015.

Submetido em: 03/11/2017

Aceito em: 24/11/2017

